

GÊNEROS TEXTUAIS COMO ELEMENTOS MEDIADORES NAS APRENDIZAGENS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL¹

Ângela Rafaela Tonetto Heidel².

¹ Projeto de pesquisa a ser ampliado e explorado no curso de Mestrado em Educação nas Ciências na Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul UNIJUI.

² Aluna do Curso de Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUI, angelaheidel@iesanet.com.br

Introdução

Aprender e ensinar são palavras que nos remetem a infinitas ideias, representações, conceitos e ações. A escola é o lugar onde essas ideias, representações, conceitos e ações acontecem. É nesse espaço de interagir, se relacionar e aprender que os sujeitos vivem e passam grande parte de suas vidas. Estar, pertencer, viver e se inserir nesse espaço demanda desejo, vontade e uma visão aberta a novas e diferentes possibilidades teóricas e práticas.

A aprendizagem e o ensino não começam apenas na escola, elas acontecem e baseiam-se em vidas, relações, histórias, contextos que são diferentes. Pensar nos sujeitos que vivem esse aprender e ensinar é pensar em sujeitos de história, sujeitos sociais e sujeitos da cultura.

Em meio a esses contextos encontram-se os gêneros textuais, como formas de representação escrita dos quais os sujeitos interagem e conhecem ao longo de sua constituição cultural e social. É por meio de textos que os seres humanos conhecem, fazem, se movimentam, recordam, localizam, manipulam, ensinam, aprendem, discutem, se deleitam, regulam, lembram, constroem conceitos, etc., enfim, através desses instrumentos de linguagem os sujeitos vivem, interagem.

Conhecer esses gêneros e suas possibilidades de exploração é de grande relevância no meio educacional já que os textos permeiam as práticas e ações dos sujeitos em todas as áreas do conhecimento, em variados contextos sociais e culturais, de modo que se coloque ao alcance de professores diferentes formas de pensar, conhecer e interagir com esses textos no processo de ensino e aprendizagem. Diante disso, cabe ressaltar que este estudo investigará as possibilidades de mediação dos gêneros na construção e produção de discursos orais e escritos que acontecem nas turmas de anos iniciais, a descentralização do papel do educador como ensinante e do papel de aluno como ouvinte, já que os coloca como parceiros (professores – alunos – espaços – conhecimento) no processo de aprendizagem dos Anos Iniciais, além de significar os diferentes gêneros, para além dos literários, como formas de ação e mediação em sala de aula.

Metodologia

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

Esse trabalho é uma pesquisa de cunho bibliográfico que recorre a livros que discutem sobre gêneros textuais no processo de aprendizagem e os conceitos de mediação e interação elencados a partir da abordagem sócio-histórica, baseada em Vygotsky. Será realizada a interlocução dos conceitos explorados a partir da análise bibliográfica na busca em compreender a interlocução, os aspectos e as características dos gêneros textuais como mediadores no processo de ensino e aprendizagem dos Anos Iniciais.

Resultados e discussão

Vygotsky (1998) parte da premissa de que o desenvolvimento cognitivo não pode ser entendido sem referência ao contexto social, histórico e cultural. Por isso, enfoca a interação social como unidade de análise, onde não é nem o sujeito e nem o contexto que emergem e sim a interação entre eles.

Através das relações sociais (atividades interpessoais externas), os indivíduos agem, produzem e transformam as atividades práticas que vivem no meio social, a partir da mediação que acontece externa a ele, este passa a internalizá-la, ou seja, agir e elaborá-las em atividades intra-pessoais (internas). Segundo Vygotsky citado por Fontana (2005) é esse processo que constitui o sujeito e recebe o nome de internalização. A internalização é a reconstrução interna de uma operação externa.

O sujeito é influenciado pelo meio, mas também, o meio o influencia. E a argumentação para isso está na própria abordagem histórico-cultural, que justifica as relações do sujeito com o meio social, histórico e cultural como constituintes da criança e como mediadores de sua aprendizagem e de seu desenvolvimento. A criança tem uma história e um contexto que carrega consigo conhecimentos e relações que foram desenvolvidos ao longo da história do ambiente e das pessoas com a qual convive. Esses elementos históricos justificam suas ações, reações, aprendizagens e desenvolvimento e continua consigo ao longo de sua vida.

A interação social possibilita a aquisição de significados, pois é por meio dela que as pessoas partilham significados de situações compartilhadas socialmente, historicamente. Esse contexto marca o sujeito, cria novas marcas que dizem de sua constituição como ser humano e que tem influência direta em suas aprendizagens. É nesse ambiente que criará suas primeiras raízes e a partir do conhecimento que construirá nesse ambiente que ampliará suas aprendizagens. O desenvolvimento cognitivo do ser humano não pode ser entendido sem a referência do meio social, pois segundo Moreira (1999) o desenvolvimento cognitivo é a conversão de relações que acontecem no campo social para funções mentais ou psicológicas.

Assim, esse processo é constituinte porque à medida que o sujeito se insere no campo social, ele internaliza atividades, comportamentos e signos culturalmente desenvolvidos. Esse processo acontece por meio da mediação, ou seja, uma atividade mediada indireta típica da cognição humana, que para Vygotsky, torna-se um elemento central no processo de aprendizagem e desenvolvimento, já que possibilita a relação do sujeito com o conhecimento e na relação do sujeito com outros sujeitos, e a conversão de relações sociais em funções mentais superiores.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

Enquanto sujeito de conhecimento o homem não tem acesso direto aos objetos, mas um acesso mediado, isto é, feito através dos recortes do real operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe. O conceito de mediação inclui dois aspectos complementares. Por um lado refere-se ao processo de representação mental: a própria idéia de que o homem é capaz de operar mentalmente sobre o mundo supõe, necessariamente a existência de algum tipo de conteúdo mental de natureza simbólica, isto é, que representa os objetos, situações e eventos do mundo real no universo psicológico do indivíduo (OLIVEIRA, 1997, p.29).

Esse processo de mediação é transposto para o processo de ensino e aprendizagem escolar. O sujeito ou objeto que age como mediador modifica os sujeitos em ação. Esses sujeitos criam e estabelecem novos caminhos e novas maneiras de pensar, o que faz com que o ato não seja direto, e sim perpassado por um signo, que transforma ações e pensamentos. “Cada uma dessas transformações cria as condições para o próximo estágio, e é em si mesma condicionada pelo estágio precedente, dessa forma, as transformações estão ligadas como estágios de um mesmo processo e são, quanto a sua natureza, históricas” (VYGOTSKY, 1998, p. 60).

Os sujeitos da ação pedagógica interagem nesse contexto de conhecimento, de pesquisa, de construção. Não há um lugar de maior importância em sala de aula, há sim, sujeitos em processo de desenvolvimento e aprendizagem, e quando digo isso, parto da premissa que tanto professor quanto aluno fazem parte desse processo. Essa ação pedagógica mediada torna-se condição para o desenvolvimento do processo de conceitualização da criança. Segundo Vygotsky e Bakhtin (apud Fontana, 2005) a comunicação entre o adulto e a criança é decisiva, já que proporciona a elaboração de significados para os conceitos que são construídos, constituindo-se como forma ativa de compreensão do conhecimento que está sendo explorado e os conceitos que estão sendo construídos.

Vygotsky ainda apresenta o uso de signos e instrumentos, sendo estes considerados elos entre os sujeitos e o conhecimento. As ferramentas e os signos são segundo Daniels (2001) meios auxiliares pelos quais as interações entre sujeitos e objetos são mediadas.

Segundo Moreira (1999, p. 111) “(...) os instrumentos e os signos são construções sócio-históricas e culturais. Através da apropriação (internalização) destas construções, via interação social, o sujeito se desenvolve cognitivamente”. Ou seja, quanto mais o indivíduo vai utilizando signos e instrumentos, mais modificações nas operações psicológicas, e como o uso dos instrumentos é caracterizado por seu caráter externo, enquanto o uso de signos por seu caráter interno pode-se dizer que o processo das funções psicológicas passa por uma fase externa-social e uma fase interna.

Os textos, em suas mais variadas formas fazem parte desse universo histórico, social e cultural dos sujeitos. São instrumentos e signos com diferentes finalidades e funções, usados no dia-a-dia com diferentes objetivos e funções. Neles, estão presentes todas as formas de representação escrita, comunicativas, reais, dinâmicas, interativas, fantásticas, informativas, etc. São sim, objetos de interação, são sim mediadores que ligam os sujeitos com o conhecimento. Ao falar em texto nos remetemos a idéia de linguagem, o que dentro da perspectiva sócio-histórica é um signo mediador.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

A linguagem tem estreita relação com as formas de expressão oral e escrita que acontecem por meio de interações sociais e culturais, sendo através da mesma que acontece a comunicação, a construção do conhecimento, expressões, partilhas e acessos as informações (PCN LÍNGUA PORTUGUESA, 1997). Ou seja, ela coloca o indivíduo na sociedade, por meio dela que este se constitui culturalmente.

Koch (2012) diz que ao longo da história, a linguagem tem sido concebida de maneiras diversas e distintas. Segundo a autora a linguagem pode ser sintetizada: como representação do pensamento quando “o homem representa para si o mundo através da linguagem e, assim sendo, a função da língua é representar (=refletir) seu pensamento e seu conhecimento de mundo” (2012, p.7), como instrumento (ferramenta) de comunicação quando “considera a língua como um código através do qual um emissor comunica a um receptor determinadas mensagens” (2012, p. 7) sendo assim pura transmissão de informação, e por fim, como forma (lugar) de ação e interação sendo que esta “encara a linguagem como atividade, como forma de ação, ação interindividual finalisticamente orientada; como lugar de interação” (2012, p.7).

Diante dessa perspectiva de linguagem situa-se o conceito de língua como um “sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade” (PCN, 1997, p. 24), desse modo, quando fala-se em língua pensa-se em palavras e nos significados que elas possuem, nos diferentes contextos sociais e culturais e ao longo da história. Através da língua e da linguagem o ser humano tem a possibilidade de se comunicar, de conhecer, aprender, de representar pensamentos, conhecimentos, ações, estabelecendo através dessas ações relações interpessoais.

Estabelecer vínculos de linguagem, seja ela pela via oral ou escrita, exige dos participantes do discurso diferentes posições, demandas e interações. Falar e escrever são modalidades da linguagem distintas. Aprender essas distinções acontece a medida que se vive as mesmas nos espaços de aprendizagem. A linguagem oral é expressada através da própria conversação enquanto a linguagem escrita é expressa através de texto.

Curto, Morillo e Teixidó (2000) salientam essas distinções. Segundo os autores na linguagem oral há comunicação imediata e simultânea, o contexto de interlocução é imediato, muita informação fica implícita, há a presença de expressões não-verbais como gestos, entonação de voz, expressividade, o improviso pode ser utilizado, além de informações que ficam subentendidas e por fim, a cada versão que é expressa ou repassada há a modificação da versão real. Já a linguagem escrita, segundo os autores é uma comunicação mediata, distante no tempo e no espaço, há a necessidade de se expressar, explicitar e elaborar a todo momento a informação, já que o interlocutor não está presente no discurso e o escritor do discurso precisa se fazer entender.

Como manifestação da linguagem, a escrita é conceituada a partir do evento da produção de textos, portanto “escrever é produzir textos” (CURTO, MORILLO, TEIXIDÓ, 2000, p.68). Essa produção vai além da pura escrita de textos narrativos, pois lemos e escrevemos a todo momento, em variadas situações. Koch e Elias (2010) afirmam que a escrita “faz parte da nossa vida, seja porque somos constantemente solicitados a produzir textos escritos (bilhete, e-mail, listas de compras, etc.,etc.), seja porque somos solicitados a ler textos escritos em diversas situações do dia-a-dia (placas,

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

letrados, anúncios, embalagens, e-mail, etc., etc.) (p. 31). A afirmação de Koch e Elias (2010) nos leva a pensar que nessa perspectiva o texto é um evento sociocomunicativo, que acontece na e por meio da interação entre interlocutores, através da linguagem. Sendo uma forma de ação, de interlocução, podemos conceituar texto como um “palco de negociações e produções de múltiplos sentidos” (DUBEUX e SILVA, 2012, p. 06).

Os sentidos de cada texto são marcados por suas características distintas e as formas variadas que cada texto pode ter. Essas formas, estilos e características são marcados pelo propósito, função e pelo uso social e cultural que se faz desse texto em um determinado momento, ou seja, se estabelece aí uma grande relação com o meu desejo, o meu lugar enquanto leitor e o texto o qual vou ler. Esses textos, marcados e construídos por características distintas são nomeados como Gêneros Textuais.

Os gêneros dão forma ao texto dependendo da finalidade comunicativa a que este se propõe, possuem características distintas, são encontrados na nossa vida diária, o que desconstrói a ideia de que ler e construir texto é função apenas da escola. Sendo instrumentos presentes no contexto social, são caracterizados como instrumento de comunicação e “instrumentos culturais disponíveis nas interações sociais. São historicamente mutáveis e, conseqüentemente, relativamente estáveis. Emergem em diferentes domínios discursivos e se concretizam em textos, que são singulares” (Schneuwly e Dolz apud Dubeux e Silva, 2012, p. 07).

Conclusão

Enquanto a pesquisa não se consolida, é possível apenas levantar ideias e teorias que discutem o assunto, de modo a verificar e refletir sobre as possibilidades de os Gêneros Textuais tornarem-se interlocutores entre os sujeitos e o conhecimento que estes constroem, ou seja, de tornarem-se elos de ligação nessa interação. Seguindo essa linha teórica, buscar-se-á responder a inúmeros questionamentos, dentre eles: Em que aspectos e com que características os gêneros textuais podem se tornar mediadores nas aprendizagens dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Um grande desafio ao longo da pesquisa será a interlocução desses conceitos vinculados a ações docentes da pesquisadora, que partirá de sua realidade enquanto professora para que possa ressignificar esses conceitos e sua atuação profissional.

Palavras-Chave: Mediação – Gêneros Textuais – Ensino – Aprendizagem

Referências Bibliográficas

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEB, 1997.
- CURTO, Luís Maruni. Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.
- DANIELS, Harry (org). Vygotsky em foco: Pressupostos e desdobramentos. São Paulo: Papirus, 2001.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

DUBEUX, Maria Helena Santos; SILVA, Leila do Nascimento. Por que ensinar gêneros textuais na escola? IN: BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: o trabalho com gêneros textuais na sala de aula: ano 02, unidade 05 / Ministério da Educação: Secretaria da Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2012.

FONTANA, Roseli Cação. Mediação pedagógica na sala de aula. São Paulo: Autores Associados, 2005.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A inter-ação pela linguagem. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Ler e Escrever estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2010.

MOREIRA, Marco Antonio. Teorias de aprendizagem. São Paulo: EPU, 1999.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky. Aprendizado e desenvolvimento. Um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.